

LÍNGUA E CULTURA: A MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO NO LÉXICO TOPONÍMICO DA MESORREGIÃO DO LESTE DE ALAGOAS

Pedro Antônio Gomes de Melo

RESUMO

Neste trabalho, a partir dum recorte do léxico de um grupo sócio-linguístico-cultural, discutimos a materialização da religiosidade na toponímia municipal da Mesorregião do Leste Alagoano por meio de registros de nomes religiosos na designação de municípios da referida mesorregião. Após as análises dos dados, este estudo revelou que a formação por composição corresponde ao mecanismo lexical mais fecundo na constituição formal dos hagiopônimos e que os topônimos de origem latina são os mais recorrentes na constituição deste léxico.

Palavras-chave: Léxico. Toponímia; Português; Religião.

ABSTRACT

In this work, from the cut of a lexicon in a group socio-cultural-linguistic, discussed the materialization of religion on toponymy municipal Mesorregião Eastern Alagoas through records of religious names in designating municipalities of said middle region. After analysis of the data, this study revealed that the formation mechanism for lexical composition corresponds to more fruitful in the formal constitution of hagiopônimos and the toponyms of Latin origin are the most frequent in the constitution of this lexicon.

Keywords: Lexicon. Toponymy; Portuguese; Religion.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O Brasil continua a constituir vasto campo aberto à pesquisa não só no âmbito das ciências naturais, mas também em áreas como a história, antropologia e linguística. Só neste século [século XX] se começou a perceber ser preciso conhecê-lo em profundidade, no intuito de descobrir-lhe as peculiaridades e no sentido de registrar e preservar traços culturais de pequenos segmentos da sociedade que, embora relegado ao esquecimento por diversos ramos da ciência, aguardam, não obstante, em suas histórias particulares, elos de uma cadeia que não se consegue, de todo, reconstruir. (BRANDÃO, 1991, p.16)

A Toponímia – do ponto de vista linguístico – pode ser compreendida como um recorte do léxico de uma língua. É um ramo da Onomástica (do grego antigo ὀνομαστική, ato de nomear, dar nome) e tem como objeto de estudo o signo toponímico. No dizer de Carvalhinhos (2002/2003, p.172), “os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da **Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2013**

etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão”. Por conseguinte, compreendemos o léxico toponímico “como um indicador língu-cultural, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, meio ambiente e cultura” (MELO, 2013, p.162)

As pesquisas onomásticas, também, se integram à Linguística, mais particularmente à Lexicologia, caracterizando-se pelo estudo dos nomes próprios em geral e possui duas subáreas de estudo: a Toponímia e a Antroponímia – esta se preocupa com os estudos dos nomes próprios de pessoas, sejam prenomes ou apelidos de família, tendo grande relevância para a história política, cultural, das instituições e das mentalidades, àquela diz respeito aos nomes próprios de lugares (topônimos).

Os estudos toponímicos estão interligados a diversas áreas do conhecimento, de maneira interdisciplinar, inseridos nos contextos tanto linguísticos como socioculturais. As pesquisas no âmbito da toponímia “se ocupam do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista.” (SALAZAR QUIJADA, 1985, p.18)

Sob essa ótica, acreditamos que - pela carência de trabalhos nesse campo, sobretudo em Alagoas - uma investigação voltada para a questão da nomeação de municípios alagoanos seria uma forma interessante de ampliarmos as pesquisas nessa área e, principalmente, resgatarmos, por meio de uma investigação num recorte da toponímia municipal alagoana, aspectos culturais e linguísticos da população da região em tela, uma vez que o topônimo acaba refletindo no léxico a realidade circundante do grupo denominador na qual o nome está inserido.

É fato que, em Alagoas, a nomeação de lugares foi fortemente influenciada pela devoção religiosa. Partindo deste princípio, procuramos identificar e descrever etimológico-lexicalmente os nomes próprios de lugares que fazem referência à religião de um recorte do léxico de um grupo sócio-linguístico-cultural situado na Mesorregião do Leste Alagoano a partir de uma análise linguístico-onomástica dos 12 (doze) hagiotopônimos atribuídos a municípios que fazem parte da referida mesorregião.

A Toponímia, em sua fase atual, além dos estudos etimológicos, busca identificar diversos fatores que motivam o denominador a eleger determinado nome, em detrimento de

outros, para batizar um dado local como elemento pragmático de organização espacial. Logo, o usuário da língua na ação nomeadora é um sujeito situado social e historicamente, cujo topônimo deriva de determinadas condições de produção. Daí nossa escolha por uma pesquisa toponomástica que “consiste em um instrumento muito útil para conhecer a difusão, no tempo e no espaço, do culto aos santos.” (MENDONZA, 2008, p.92). Sendo assim, levando em consideração a relação existente entre língua e cultura.

Segundo Dick (1990), os topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto são denominados de Hierotopônimos, podendo ser subdivididos em: Hagiotopônimos - nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano e Mitotopônimos - entidades mitológicas.

Os nomes referenciais de lugares representam uma projeção aproximativa do real podendo evidenciar, também, a realidade sociocultural de uma região, na medida em que revela características de crenças e fatos religiosos. Na verdade, esses designativos remetem ao ser humano, em um determinado contexto sociocultural, revelando indícios e marcas que permanecem firmadas no locativo mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, não mais existe.

Por conseguinte, a investigação toponímica promove, além da análise linguística, a análise da cultura local e da relação do homem com o meio em que vive. Portanto, este estudo focaliza, assim, a relação entre língua, cultura e religião, resgatando a memória refletida nas motivações toponímicas aqui levantadas.

Por fim, destacamos que muitos trabalhos acadêmicos – quer por meio de monografias, quer por meio de atlas - têm sido escritos sobre a toponímia brasileira, em diferentes vertentes e localidades. Todavia, em Alagoas, registramos poucos projetos de pesquisa¹ em andamento, sobre o léxico toponímico alagoano seja referente à microtoponímia ou à macrotoponímia do Estado de Alagoas. Sendo assim, esperamos que este trabalho possa ajudar a dirimir lacunas existentes sobre o conhecimento da toponímia municipal alagoana.

1 ESTADO DE ALAGOAS: contextualização espacial e temporal

¹ Temos conhecimento da existência de apenas dois projetos na área de Toponímia em Alagoas: (1) na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus de Palmeira dos Índios e (2) na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), campus de Delmiro Gouveia.

Alagoas², aos 196 anos, é um estado relativamente novo, de pequena extensão territorial com uma área total de 27 767,661 km², sendo o 2º menor do país, população de 3.120.494 habitantes, faz fronteiras com os Estados de Pernambuco (Norte e Noroeste), de Sergipe (Sul), da Bahia (Sudoeste), além do Oceano Atlântico (Leste).

Inicialmente, seu território constituía a parte sul da Capitania de Pernambuco e só conseguiu sua independência em 1817. Sua ocupação decorreu da expansão para o sul da lavoura de cana-de-açúcar que necessitava de novas áreas de cultivo. Surgiram assim Porto Calvo, Alagoas (atual Marechal Deodoro) e Penedo, núcleos que orientavam por muito tempo a colonização e a vida socioeconômica da região. A invasão holandesa em Pernambuco estendeu-se a Alagoas em 1631.

Os invasores foram expulsos em 1645, depois de intensos combates em Porto Calvo, deixando a economia local totalmente desorganizada. A fuga de escravos durante a invasão holandesa criou um sério problema de falta de mão-de-obra nos canaviais. Agrupados em aldeamentos denominados quilombos, os negros só foram dominados completamente no final do século XVII, com a destruição do quilombo mais importante, o de Palmares. Durante o Império, a Confederação do Equador (1824), movimento separatista e republicano, recebeu o apoio de destacadas figuras alagoanas.

No século IX, mas precisamente na década de 40, a política local foi marcada pelo conflito entre os lisos, conservadores, e os cabeludos, liberais. No início do século XX, a região do sertão de Alagoas viveu a experiência pioneira de Delmiro Gouveia, empresário pernambucano que instalou em Pedra a fábrica de linhas Estrela, que chegou a produzir 200 mil carretéis por dia. Delmiro Gouveia foi assassinado em outubro de 1917 em circunstâncias até hoje não esclarecidas, depois de ser pressionado, segundo consta, a vender sua fábrica a firmas concorrentes estrangeiras. Depois de sua morte, suas máquinas teriam sido destruídas e atiradas na cachoeira de Paulo Afonso.

No território que consiste o Estado de Alagoas, existem áreas com características diferentes nos aspectos físico, econômico, social e cultural. Daí, em função dessas semelhanças e diferenças, o IBGE divide o estado em três partes designadas de mesorregiões. A saber: Mesorregião do Sertão Alagoano, Mesorregião do Agreste Alagoano e Mesorregião

² Essas informações foram coletadas a partir dos dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativos ao censo de 2010.

do Leste Alagoano. Essas três mesorregiões englobam outras onze regiões menores chamadas microrregiões.

Para o propósito deste estudo, interessa-nos apenas a Mesorregião do Leste Alagoano, em particular, os topônimos que fazem referência à religião na designação de municípios.

A Mesorregião do Leste Alagoano é a mais extensão e mais populosa. Nela está localizada a cidade de Maceió, capital do Estado. O clima é quente e chuvoso, os solos são férteis e a agricultura é bem desenvolvida, sendo os principais produtos a cana-de-açúcar, o feijão, o milho, a mandioca e as frutas variadas. Nas terras alagadas do rio São Francisco, desenvolve-se a cultura do arroz. A pesca é praticada na região das lagoas. A indústria é bem variada. Industrializam-se o maracujá, o caju e o abacaxi, transformando-os em sucos que são exportados para outros estados. Muitas usinas produzem açúcar e álcool, além de açucareira, há indústrias minerais e têxteis.

A Mesorregião do Leste Alagoano é subdividida em seis microrregiões: a Microrregião do Litoral Norte Alagoano, que compreende os municípios de Japaratinga, Maragogi, Passo de Camaragibe, Porto de Pedras e São Miguel dos Milagres; a Microrregião de Maceió, que compreende os municípios de Barra de Santo Antônio, Barra de São Miguel, Coqueiro Seco, Maceió, Marechal Deodoro, Paripueira, Pilar, Rio Largo, Santa Luzia do Norte e Satuba; a Microrregião da Mata Alagoana, que compreende os municípios de Atalaia, Branquinha, Cajueiro, Campestre, Capela, Colônia Leopoldina, Flexeiras, Jacuípe, Joaquim Gomes, Jundiá, Matriz de Camaragibe, Messias, Murici, Novo Lino, Porto Calvo e São Luís do Quitunde; a Microrregião de Penedo, que compreende os municípios de Feliz Deserto, Igreja Nova, Penedo, Piaçabuçu e Porto Real do Colégio; a Microrregião de São Miguel dos Campos, que compreende os municípios de Anadia, Boca da Mata, Campo Alegre, Coruripe, Jequiá da Praia, Junqueiro, Roteiro, São Miguel dos Campos e Teotônio Vilela; e a Microrregião Serrana dos Quilombos, que compreende os municípios de Chã Preta, Pindoba, Ibateguara, Santana do Mundaú, São José da Laje, União dos Palmares e Viçosa.

1.1 A RELIGIOSIDADE EM ALAGOAS

O território alagoano sofreu a influencia marcante da imposição da religião católica apostólica romana desde a chegada ao Brasil dos primeiros jesuítas em 1549, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega. Essa hegemonia perdurou durante aproximadamente dois séculos,

isto é, até 1759, quando se deu a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias por ato do Marquês de Pombal, então primeiro ministro do rei Dom José I (SAVIANI, 2007). No entanto, podemos afirmar que, pelo menos em nível toponímico, essa hegemonia continua já que não identificamos topônimos que fazem referência a outra corrente religiosa que não seja católica apostólica romana na denominação de municípios alagoanos.

É sabido que vivemos em um Estado Laico, todavia isso não elimina uma presença hegemônica de uma dada corrente religiosa em nossa sociedade, sobre a língua. Com efeito, Alagoas não fica imune a esses acontecimentos socioculturais, motivo pelo qual o Estado, no que diz respeito a nomes relativos à religião, apresenta apenas topônimos que fazem referência à religião católica de Roma predominante entre as classes dirigentes locais, revelados na Mesorregião do Leste Alagoanos como será demonstrado na análise deste estudo.

A materialização do discurso religioso em Alagoas é algo marcante e que pode ser observada, dentre outras formas, pela toponímia. Desse modo, observamos que, historicamente, as manifestações de crença dos povos autóctones não são reconhecidas, muito menos valorizadas, na época se impunha a religião dos colonizadores aos colonizados indígenas e aos negros escravizados. As expressões religiosas de matriz africana eram realizadas pelos negros escravos, nas senzalas dos senhores de engenho, assim sendo tiveram sua visibilidade e reconhecimento negados pelas elites dominantes durante, notadamente, todo o período compreendido entre seu aporte às terras brasileiras até bem entrado o século XIX.

Cumpramos salientarmos, ainda, que foi comum no ato de nomear lugares com hagiopônimos, ou seja, locativos referentes à religiosidade o processo de deslocamento de topônimos portugueses, já consagrados em Portugal, para acidentes humanos alagoanos denominados com nomes indígenas dos primitivos habitantes, como será demonstrado neste estudo. Corroborando com essa ideia Dick (1990, p.55) destacar os trabalhos de Levy Cardoso quando afirma que “a denominação autóctone foi alterada por motivos de convicção religiosa dos padres missionários e colonizadores”.

Estatisticamente, segundo o censo de 2010, os católicos (nominais ou não) somam 73,57% no Brasil. Não seria diferente na expressiva comunidade alagoana, onde a força católica se mostra vívida. Municípios como São José de Tapera, Craíbas, Monteirópolis, Pariconha e Água Branca contam com 98,8% de adeptos do romanismo e 1% de evangélicos.

A diferença é desmedida. Ainda seguindo o IBGE (2010), a porcentagem da quantidade de pessoas adeptas às religiões no Estado de Alagoas seria:• Catolicismo: 72,3%; Evangélicos/Protestantes: 32,7%; Espíritas: 0,6%; Afro-Brasileira: 0,0%; Outras: 2,9% e Sem religião: 11,9%.

É relevante ressaltarmos que a falta de reconhecimento e respeito às expressões religiosas de origens autóctones e africanas no país motiva seus seguidores a utilizar-se de um expediente denominado de sincretismo religioso, este acontecimento é observado em todo território brasileiro e pode ser compreendido como sendo a fusão das divindades cristãs da igreja católica com os deuses presentes nas religiões e crenças indígenas e africanas.

Nesse sentido, as maiorias minorizadas seguiam com suas divindades e cultos de modo ocultados, mantendo uma convivência amenizada. Como consequência o preconceito e marginalização das expressões religiosas dos que não profetizavam a religião católica era um fato social que excluía importantes parcelas da população brasileira de origens indígenas e de matrizes afros descendentes, fato que se refletiu na denominação linguística dos topônimos das mesorregiões alagoanas. Interessante percebermos que a ocorrência de mitotopônimos inexistente no escopo pesquisado nos municípios do Estado de Alagoas.

Não podemos abordar questões relativas à religião em Alagoas sem destacar o episódio que ficou historicamente conhecido como *quebra-quebra dos terreiros* ou simplesmente *quebra de xangô*. Esse fato revela uma importante face da cultura alagoana que merece registro, pois mostra o quanto as religiões de matriz Afro sempre foram desmerecidas no Estado de Alagoas, fazendo assim predominar as outras religiões, especificamente o Catolicismo. Este desprestígio se confirma na toponímia alagoana quando não há registro de topônimos que fazem referência à religião Afro na nomeação de municípios alagoanos.

O Quebra de Xangô foi um ato de violência praticado em 1º de fevereiro de 1912 contra as casas de culto afro-brasileiras de Maceió e que se estendeu pelo interior de Alagoas.

Naquele dia, *babalorixás* e *yalorixás* tiveram seus terreiros invadidos por uma milícia armada denominada Liga dos Republicanos Combatentes, seguida por uma multidão enfurecida, e assistiram à retirada à força dos templos de seus paramentos e objetos de culto sagrados, que foram expostos e queimados em praça pública, numa demonstração flagrante de preconceito e intolerância religiosa para com as nossas manifestações culturais de matriz africana.

2 ANÁLISE E RESULTADO DOS DADOS

Doravante, serão apresentadas as análises dos topônimos aqui estudados. O *corpus* lexical foi constituído por 12 hagiotopônimos identificadores de municípios da mesorregião do Leste Alagoano levantados a partir de consulta bibliográfica junto ao Banco de dados do IBGE na internet, como também, pesquisa documental realizada em documentos oficiais do governo brasileiro, no âmbito local e nacional, livros e revistas que tratavam sobre os municípios do Estado de Alagoas.

Utilizamos o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1986) para identificarmos o étimo dos topônimos aqui analisados. E ainda, os trabalhos de SOUZA & KOCH *Linguística aplicada ao português: morfologia* (1987) para as análises morfológicas.

Os topônimos serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas. Essas se revelam necessárias para a interpretação destes nomes, em virtude de conter vários campos conceituais que forneceram informações relevantes sobre cada um dos locativos que constituíram o *corpus* desta pesquisa.

A toponímia municipal da Mesorregião do Leste Alagoano é constituída de 52 topônimos. Dentre estes, foram detectados 12 hagiotopônimos. A saber: (1) São Miguel dos Milagres; (2) Barra de Santo Antônio; (3) Barra de São Miguel; (4) Santa Luzia do Norte; (5) Capela; (6) Messias; (7) Matriz de Camaragibe; (8) São Luís do Quitunde; (9) Igreja Nova; (10) São Miguel dos Campos (11) Santana do Mundaú e (12) São José da Laje.

1 SÃO MIGUEL DOS MILAGRES

Localização: Microrregião do Litoral Norte Alagoano; **Topônimo:** São Miguel dos Milagres

Taxionomia: Hagiotopônimo

Etimologia: do latim *sanctus* ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + hebraico *michael*, ‘aquele semelhante a Deus’ + prep. lat. *do* + *milaculum* ‘coisa admirável’.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + hebraica: morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *miguel* (nome atemático) + forma dependente *de* + *o* + morfema gramatical aditivo *-s* (dos) + morfema lexical *milagr-* + vogal temática *-e* + morfema gramatical aditivo *-s*

Informações Enciclopédicas: Chamava-se, antes, Nossa Senhora Mãe do Povo. Mudou sua denominação, segundo a tradição, depois que um pescador encontrou na praia uma peça de

madeira coberta de musgos e algas marinhas. Ao levá-la para casa e fazer sua limpeza, descobriu que se tratava de uma imagem de São Miguel Arcanjo, provavelmente caída de alguma embarcação. Ao terminar o trabalho de limpeza, o pescador descobriu, espantado, que uma ferida persistente que o afligia há tempos estava totalmente cicatrizada. A notícia logo se espalhou, fazendo com que aparecessem pessoas em busca de cura para suas doenças e de novos milagres. Sua colonização tomou corpo durante o período da invasão holandesa, quando moradores da sofrida Porto Calvo fugiram em busca de um lugar seguro para abrigar suas famílias e de onde pudessem avistar com antecipação a chegada dos inimigos batavos. A capela inicial, que deu origem à freguesia estabelecida pela Igreja Católica, foi dedicada a Nossa Senhora Mãe do Povo.. Foi elevado à vila em 9 de junho de 1864 e, a partir de 1914 iniciou a luta para obter a sua autonomia, o que só se verificou muitos anos mais tarde, em 7 de junho de 1960.

Fonte: http://municipiosalagoanos.com.br/municipio/municipio/?id_municipio=31

2 BARRA DE SANTO ANTÔNIO

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Barra de Santo Antônio

Etimologia: composto de origem latina: *sf. barra*, ‘fita’ + prep. lat. *de* + *sm. lat. sanctus*, ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + *sm. do tal. tardio antonius*.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Composto: morfema lexical *barr-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + forma dependente *de* + morfema lexical *sant-* + morfema classificatório vogal temática *-o* + morfema lexical *antoni-* + morfema classificatório vogal temática *-o*

Informações Enciclopédicas: O topônimo Barra de Santo Antônio é originário do Rio Santo Antônio, que banha todo o núcleo urbano do município e o divide, formando duas partes distintas. Dele, a população tira boa parte de seu sustento. O referido município deve sua colonização aos holandeses, que chegaram ao litoral por volta de 1853. A partir daí começou o progresso no povoado, que era constituído por poucas casas de taipa construídas à margem do rio Santo Antônio Grande, que corta a cidade em dois locais distintos: um mais urbano, sede da cidade (à margem direita) e o outro, mais turístico e nativo (à margem esquerda). Neste lado, durante muitos anos houve um cruzeiro construído pelos holandeses, que servia de ponto de partida para a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, destruído pelo tempo. O movimento de emancipação política do distrito, então pertencente a São Luís de Quitunde, foi liderado por Manuel Monteiro de Carvalho. Em 1960, a cidade conseguiu a emancipação.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Barra_de_Santo_Ant%C3%B4nio

3 BARRA DE SÃO MIGUEL

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Barra de São Miguel

Etimologia: do latim *barra*, ‘fita’ + prep. lat. *de* + sm. lat. *sanctus*, ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + sm. hebraico *michael*, ‘aquele semelhante a Deus’.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + hebraica: morfema lexical *barr-* + vogal temática *-a* + forma dependente *de* + morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *miguel* (nome atemático)

Informações Enciclopédicas: Até a metade do século XVI, o território onde é atualmente ocupado pela Barra de São Miguel foi aldeamento dos índios Caetés, conhecidos pela prática da antropofagia. Segundo a história, eles teriam devorado o bispo Dom Pero Fernandes Sardinha, que veio de Portugal para catequizar a região. Ele teria trazido, então, uma imagem de Nossa Senhora Santana, que foi abandonada com o ataque dos índios e resgatada anos depois. A área, de excelente localização geográfica, transformou-se num movimentado núcleo de pescadores. A autonomia administrativa ocorreu por força de interesses políticos. Somente em 1963, a Barra foi elevada à condição de município, desmembrado de São Miguel dos Campos. Considerada a cidade balneária mais badalada de Alagoas,

Fonte: <http://www.vivaalagoas.com/guia/municipios-de-alagoas/page/1>

4 SANTA LUZIA DO NORTE

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Santa Luzia do Norte

Etimologia: do latim *sanctus*, ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + sf. deriv. do lat. *lumen*, *-inis*. ‘claridade’ + prep. lat. *de* + do germ. *nord* ‘ponto cardeal que se opõe ao sul’.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + germânica: morfema lexical *sant-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + morfema lexical *luzia* + forma dependente *de* + *o* = *do* + morfema lexical *norte*

Informações Enciclopédicas: Este importante burgo histórico, às margens da Laguna do Norte (como era chamada antigamente a Laguna Mundaú), recebeu esse nome em decorrência da cura de um cego, fundador da cidade, milagre atribuído a Santa Luzia, na época colonial. Anteriormente, recebera o nome de Outeiro de São Bento, devido à existência, numa elevação, de um convento beneditino. Após o cego ter recobrado a visão e se estabelecido ali, no início do século XVII, segundo a tradição e a informação de Mello Moraes (baseado em Gabriel Soares), recebeu o nome de Santa Luzia de Siracusa e depois de Vila Nova de Santa Luzia. Foi uma das mais antigas povoações do Estado de Alagoas, pois já em 1663, tinha-se notícias de sua existência com a invasão dos batavos, durante a guerra holandesa, que por ali se dirigiram, depois de atacar a cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro. Somente em 1962, alcançou sua autonomia administrativa, se bem que 1830, chegou a ser sede do atual Município de Rio Largo. O topônimo da Povoação, teria vindo de um milagre atribuído à Santa Luzia quando um cego recobrou a visão por seu intermédio. O primeiro nome foi Santa Luzia de Siracusa, passando tempo depois para Santa Luzia do Norte, até hoje conservado. De acordo com outra versão, a localidade teria sido batizada também com o nome de Outeiro de São Bento, devido a existência de um convento de São Bento nas proximidades. Antônio Martins Ribeiro foi um dos seus primeiros moradores. Recebeu ele, de Miguel Gonçalves Vieira, uma légua de terras com a condição de Ali "levantar engenho de açúcar e fazer vida".

A chegada de inúmeros novos moradores e a construção de suas casas, deram um impulso extraordinário ao povoado que encontrou desenvolvimento rápido. Em pouco tempo Santa Luzia do Norte transformou-se no mais importante povoado às margens do Norte e do Rio Mandauí.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Santa_Luzia_do_Norte#Etimologia

5 CAPELA

Localização: Microrregião de Mata Alagoana; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: capela

Etimologia: sf. Do latim *cappella*, *-ae* e significa igreja ou oratório sem qualificação paroquial; edifício religioso que, geralmente, tem altar, mas não é uma igreja paroquial ou monástica. Sob ponto de vista arquitetônico, o vocábulo pode ser atribuído a uma pequena igreja de um só altar, como também ao espaço reentrante de um templo, onde está colocado o altar.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Simples: morfema lexical *capel-* + morfema classificatório vogal temática *-a*

Informações Enciclopédicas: Com o desmembramento do município de Atalaia, o povoado foi elevado à categoria de vila, pelo decreto 52, de julho de 1860. Nesta mesma época, teve seu nome mudado para Paraíba. Em junho de 1904, a vila passou a se chamar Euclides Malta, e se tornou sede municipal, alguns anos depois, uma outra lei devolveu o antigo nome. No dia 2 de julho de 1919, ao ser elevado à categoria de cidade, o município voltou a ter o nome Capela. Em 1943, o município passou a ser chamado Conceição do Paraíba, por conta da devoção que a população dedicava a Nossa Senhora da Conceição e também numa homenagem ao rio Paraíba, que corta o município. Apenas em 1949, a cidade voltou a ter, de forma definitiva, o nome de Capela.

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Capela#Etimologia>

6 MATRIZ DE CAMARAGIBE

Localização: Microrregião de Mata Alagoana; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Matriz de Camaragibe

Etimologia: sm. do latim *mater*, *tris*, significa mãe. E *camaragibe* de origem indígena de étimo tupi quer dizer, em tupi, 'árvore amarela'.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + indígena: morfema lexical *matr-* + morfema derivacional *-iz* + forma dependente *de* + morfema lexical *Camaragibe*

Informações Enciclopédicas: Em 1850, a povoação de Camaragibe já constava, no Convento Franciscano de Olinda, da relação das paróquias da parte austral da Capitania de

Pernambuco. O primeiro núcleo de povoação se instalou na parte alta do lugar, chamado de Alto do Outeiro ou Alto da Igreja Velha, onde foi edificada a sua Matriz, daí o nome que a diferencia do Passo de Camaragibe, burgo irmão, quase da mesma época de fundação, quando ambos eram conhecidos pela denominação do rio que banha a região. O município de Matriz de Camaragibe desenvolveu seu núcleo, enquanto povoado, no então Alto do Outeiro, hoje Alto da Igreja Velha, onde está instalado um cruzeiro. Ao receber como doação de sua irmã, Dona Brites Pimentel (grande proprietária de terras e de sete engenhos de açúcar) um de seus engenhos na povoação de Camaragibe, José de Barros Pimentel, já em sua primeira visita, doou uma parte de suas terras a Gonçalo Moreira, para que fosse construída a Igreja de Bom Jesus. A lei provincial 417, de 9 de julho de 1864, transferiu a sede paroquial para a cidade de Passo de Camaragibe, permanecendo assim até 1888, quando o presidente José Cesário de Miranda Monteiro de Barros restaurou a freguesia do Senhor Bom Jesus na vila de Camaragibe, através da lei provincial 1047, de 29 de dezembro. Até 1950 era vila do Passo de Camaragibe. Em 1958, através da lei 2093, passou a ser município.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Matriz_de_Camaragibe

7 MESSIAS

Localização: Microrregião de Mata Alagoana; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Messias

Etimologia: O termo messias é de origem hebraica – *mashiah* – e significa o ungido, o escolhido, o eleito por Deus para salvar e conduzir seu povo, ou ainda, o salvador, o redentor, aquele que salva e liberta. No português, vem do latim séc. XV *messias* derivado do grego *messias*.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Simples: morfema lexical *messias* + morfema gramatical aditivo –s.

Informações Enciclopédicas: Por volta de 1890, algumas casas que eram da família Calheiros deram início ao povoado "Currealinho". A posição privilegiada do local e a fertilidade das terras fizeram com que outras famílias de regiões vizinhas se transferissem para lá. Em 1947, Ao ser promovida a município adotou o nome de Messias, por motivação religiosa de sua população, em homenagem a Jesus Cristo, segundo alguns moradores antigos, teve origem em consequência do grande número de carpinteiros existentes na época. A justificativa da denominação deriva, porém, da devoção religiosa, pois a carpintaria era a profissão de São José, pai de Jesus, chamado de "Messias". Até 1950 era povoado de Murici e, em 1960 passou para a jurisdição de Flexeiras. O povoado exigiu autonomia administrativa. Em 1962 se transformou em município.

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Cra%C3%ADbas#Etimologia>

8 SÃO LUIZ DO QUITUNDE

Localização: Microrregião de Mata Alagoana; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: São Luiz do Quitunde

Etimologia: do latim *sanctus* ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + sm. deriv. do lat. *lumen, -inis*. ‘claridade’ + prep. *do* + corruptela de ‘condunde’, palavra africana do bantu.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + africana: morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *luiz* + forma dependente *de + o > do* + morfema lexical *quitunde*

Informações Enciclopédicas: O primeiro nome é homenagem a São Luís, rei da França. Dizia-se antes, que Quitunde era uma corruptela de ‘condunde’, palavra africana (herança dos escravos dos engenhos da região) atribuída a um peixe encontrado no Rio Santo Antônio. Nei Lopes, contudo, diz, com sua autoridade, que “Condunde”, palavra de origem bantu, quer dizer montanha. Dirceu Lindoso tem uma terceira versão. Ele defende a tese de que Quitunde serviu para designar o baixo fluvial onde surgiu o antigo povoado, uma paliçada de mucambo, portanto, um quilombo fluvial. O povoado de **São Luís do Quitunde** foi originado de uma pequena aldeia indígena, descoberta em 1624 pelo holandês Albert Sourth. Os holandeses, quando estiveram em São Luís do Quitunde, ergueram um forte à margem do rio Sauassuí (atual rio Paripueira) e ainda um canal revestido de ladrilhos, para escoar a madeira. A intensificação do povoamento se deu por volta de 1870, quando surge o comércio no Engenho Castanha Grande. O engenho pertencia ao major Manoel Cavalcante, que doou a seu filho, Joaquim Machado Cavalcante, as terras do Engenho Quitunde, onde foi fundado o povoado e para onde transferiu a estrutura do Engenho Castanha Grande. Elevado à condição de município com o nome de São Luís do Quitunde (lei estadual nº 15, de 16 de maio de 1892) em 1892, desmembrada de Passo de Camaragibe. O relevo de São Luiz do Quitunde faz parte, predominantemente da Unidade das Superfícies Retrabalhadas que é formada por áreas que têm sofrido retrabalhamento intenso, com relevo bastante dissecado e vales profundos.

Fonte: www.wikialagoas.al.org.br/index.php/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_do_Quitunde

9 IGREJA NOVA

Localização: Microrregião de Pendo; **Taxionomia:** Hagiopônimo

Topônimo: Igreja Nova

Etimologia: Composto de origem latina: séc. XIII. sf. *ygreja*. Do lat. vulg. *eclesia* (cláss. *ecclesia*) + adj. *novus, -a, -um*.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Composto: morfema lexical *igrej-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + morfema lexical *nov-* + morfema classificatório vogal temática *-a*

Informações Enciclopédicas: Sua fundação é atribuída a pescadores penedenses em busca de novas áreas de pesca. A piscosidade da Lagoa Boacica atraiu a atenção dos vizinhos. O lugar era inicialmente chamado Ponta das Pedras, devido à grande quantidade desse mineral em seu solo. Depois ficou conhecido como Oitizeiro, por causa de uma árvore que chamava a atenção por seu gigantismo. Foi elevada à condição de Vila, em 1892, com a denominação de Triunfo. O nome atual foi dado em 1907, devido ao novo templo edificado na povoação pelos paroquianos, em substituição à velha igreja existente. Igreja Nova é um dos municípios mais

antigos do estado de Alagoas, e tem sua história ligada à exploração do rio São Francisco por pescadores saídos da cidade de Penedo que, por volta do século XIX, fundaram um povoado denominando-o de Ponta das Pedras e, em seguida, chamando-o de Oitizeiro. Logo foi erguida uma pequena capela em homenagem a São João Batista, até hoje padroeiro do município. Em 1908, após o desmoronamento da capela, frades alemães se uniram aos moradores para construir um dos mais belos templos católicos de Alagoas, cujas badaladas de sinos são ouvidas a uma distância de 6 km, chamada Igreja Nova. A povoação foi desmembrada de Penedo e teve seus limites fixados pela resolução 849, de 1880. As primeiras tentativas de elevar o povoado à vila (com leis de 1885 e 1889) não surtiram efeito. Em 1890, através do decreto 39, o processo se completou e a nova vila passa a se chamar Triunfo. Em 1892, foi conduzida à categoria de cidade, até uma nova lei suprimir a condição e anexá-la novamente a Penedo. Apenas em 1897 foi elevada à condição de cidade. O nome Igreja Nova, porém, só foi adotado em 1928.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Igreja_Nova#Etimologia

10 SÃO MIGUEL DOS CAMPOS

Localização: Microrregião de São Miguel dos Campos; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: São Miguel dos Campos

Etimologia: do latim *sanctus* ‘que vive segundo os preceitos religiosos’ + hebraico *michael*, ‘aquele semelhante a Deus’ + prep. lat. *de* + *campus*, *-i*. (subs. m. da 2ª. Declinação) significa planície, terreno plano.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + hebraica: morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *miguel* (nome atemático) + forma dependente *de* + *o* + morfema gramatical aditivo *-s* (dos) + morfema lexical *camp-* + vogal temática *-o* + morfema gramatical aditivo *-s*

Informações Enciclopédicas: Por ter sido descoberto no dia 29 de setembro por Américo Vespúcio e André Gonçalves, data dedicada a São Miguel, o primeiro nome foi dado em honra ao arcanjo guerreiro, valente como o seu povo. Já Campos foi acrescentado em função dos Campos Arrozais dos Inhaúns, de cujo território fazia parte, segundo cronistas holandeses, “os mais férteis do Brasil”. Antiga aldeia de índios samambis, recebeu a missão exploradora portuguesa que chegou através do Rio São Miguel, em 1501. O povoado que se formou teve destaque importante na história do Estado pois seu povo teve participação ativa na luta contra os holandeses, na destruição do Quilombo dos Palmares e na Revolução Republicana de Pernambuco, em 1817. em 1832 foi elevada a vila e em 1864, tornou-se cidade.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/S%C3%A3o_Miguel_dos_Campos

11 SANTANA DO MADAÚ

Localização: Microrregião de Serra dos Quilombos; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: Santana do Mandaú

Etimologia: composto híbrido: séc. XIII. adj. do latim *sanctus*, -a, -um. sagrado + prep. *de* + termo de origem tupi *mundau* que designa bebedouro.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + indígena: morfema lexical *sant-* + morfema derivacional *-ana* + forma dependente *de* + *o* = *do* + morfema lexical *mandau* (nome atemático).

Informações Enciclopédicas: Outra cidade que comprova a forte influência religiosa de nossa gente e também a ascendência indígena, muitas vezes tão esquecida. Teve como primeiro topônimo Mundaú-Mirim, quando era vila, durante o século XIX. A denominação antiga devia-se à existência, em suas paragens, do Rio Mundaú, que significa bebedouro, nome ao qual se somou Mirim, que é um diminutivo que quer dizer pequeno. Por volta de 1800 existiam poucas residências e apenas uma casa de comércio na região. Algum tempo depois, foi construída uma capela, transformada na matriz de Nossa Senhora de Santana, hoje, Paróquia de Sant'Ana, cujo sino foi colocado em 1873, permanecendo até hoje. Em 1960, a Lei 2.245 criou o município, mas sua instalação oficial foi em janeiro de 1961, com território desmembrado de União dos Palmares. Com a lei, veio também a mudança do nome do município para Santana do Mundaú.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Santana_do_Munda%C3%BA

12 SÃO JOSÉ DA LAJE

Localização: Microrregião de Serra dos Quilombos; **Taxionomia:** Hagiotopônimo

Topônimo: São José da Laje

Etimologia: composto latino formado por *sanctus* 'que vive segundo os preceitos religiosos' + *joseph* + prep. *de* + sm. *lagea*, *lajem* que designa pedra de superfície plana, lousa.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Composto: morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *jose* (nome atemático) + forma dependente *de* + *a* = *da* + morfema lexical *laj-* + morfema classificatório vogal temática *-e*

Informações Enciclopédicas: Mais um santo na galeria das cidades alagoanas. Mais uma cidade que deve sua formação a influência religiosa de nosso povo. Em 1828, uma capelinha erigida próximo ao Rio Canhoto por um senhor de engenho, José Vicente de Lima e sua mulher, homenageou o pai de Jesus Cristo. Dentre as riquezas minerais, se sobressaem suas pedreiras. Teve como primeiro nome Laje do Canhoto, depois mudado para São José da Laje. A origem do povoado de São José da Laje está ligada às primeiras expedições comerciais feitas entre Porto Calvo, Porto de Pedras e outros municípios situados no litoral norte, além de algumas cidades de Pernambuco como Rio Formoso, Cabo de Santo Agostinho e Serinhaém. Sua expansão, no entanto, deveu-se realmente a motivos religiosos. Em 1828, já havia uma doação feita por José Vicente de Lima e sua mulher, Angélica de Mendonça, a São José. Eles doaram 100 mil réis de terra. O casal era dono de um antigo engenho de açúcar onde mais tarde se instalou a fazenda Boa Esperança. O contorno das terras doadas não era bem definido mas citava o Rio Canhoto, no ponto onde está hoje a cidade. Em 28 de julho de 1876, o povoado era desenvolvido e se chamava Laje do Canhoto. A Assembleia Provincial o elevou

à categoria de vila, com o título de São José da Laje. Para a Laje foi, também, a sede do município de Imperatriz (hoje União dos Palmares), através da Lei 737, de 1876, que terminou não sendo cumprida. Pela resolução 896, de 1886, ficou criado o município de São José da Laje, com os mesmos limites da freguesia, mas judicialmente ligado a União dos Palmares. Só com a Constituição de 1935 é que o município teve assegurada a comarca.

Fonte: www.wikialagoas.al.org.br/index.php/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_da_Laje

Quadro 1: Distribuição dos hagiopônimos de acordo com suas microrregiões, origem e etimologia e formação lexical

Microrregião Alagoana	Hagiopônimo	Origem e Formação
Microrregião do Litoral Norte Alagoano	São Miguel dos Milagres	Composto Híbrido: bases hebraica + latina
Microrregião de Maceió	Barra de Santo Antônio	Específico Composto: base latina
	Barra de São Miguel	Composto Híbrido: bases latina + hebraica
	Santa Luzia do Norte	Composto Híbrido: bases latina + Germânica
Microrregião da Mata Alagoana	Capela	Específico Simples: Base latina
	Matriz de Camaragibe	Composto Híbrido: bases latina + indígena
	Messias	Específico Simples: Base hebraica
	São Luís do Quitunde	Composto Híbrido: bases latina + africana
Microrregião de Penedo	Igreja Nova	Específico Composto: base latina
Microrregião de São Miguel dos Campos	São Miguel dos Campos.	Composto Híbrido: bases hebraica + latina
Microrregião Serrana dos Quilombos	Santana do Mundaú	Composto Híbrido: bases latina + indígena
	São José da Laje.	Específico Composto: base latina

A partir dos dados analisados no quadro 1, destacamos que os hagiotopônimos apresentaram 3 (três) formas³ em sua organização estrutural:

Elemento Específico Simples: *Capela* e *Messias* formados por um único morfema lexical, acompanhados de morfemas gramaticais;

Elemento Específico Composto: *Igreja Nova*, *São José da Lage* e *Barra de Santo Antônio* formados por justaposição com a presença ou não de conectivos e com bases constituintes oriundas do latim.

Elemento Específico Híbrido: *Santana do Mundaú* (lat. + ind.), *Matriz de Camaragibe* (lat. + ind.), *São Luís do Quitunde* (lat. + afr.), *Santa Luzia do Norte* (lat. + ger.), *São Miguel dos Milagres*, *Barra de São Miguel* e *São Miguel dos Campos* formados por elementos oriundos de línguas diferentes.

No que diz respeito aos processos de formação lexical dos topônimos municipais alagoanos, em trabalho anterior Melo (2012) já destacávamos a grande produtividade do processo por composição na formação de topônimos. Após a análise distintiva do quadro 1, apresentado acima, podemos reafirmar que a formação por composição também corresponde ao mecanismo lexical mais fecundo na constituição formal dos nomes de caráter eclesiástico da Mesorregião do Leste Alagoano.

Em outros termos, há mais registros de sintagmas toponímicos resultando a formação de elementos específicos compostos e híbridos do que topônimos simples. Quantitativamente, foram detectados 10 (dez) sintagmas toponímicos enquanto apenas 2 (dois) topônimos simples, correspondendo ao percentual de 83.4% e 16.6% respectivamente.

Convém assinalarmos que nesse binômio toponímico, os elementos primitivos perdem a autonomia de significação em benefício de uma unidade semântica, isto é, um único conceito, novo, global. Essas composições justapostas desempenham função de palavras, tendo-se unidades sintáticas se cristalizando numa função lexical.

Quanto à origem, constatamos que os hagiotopônimos de étimo latino são os mais produtivos. No sentido de que mesmo nos sintagmas toponímicos híbridos, há presença de

³O termo forma pode ser tomado, em sentido amplo, como sinônimo de *plano de expressão*, em oposição a *plano de conteúdo*. Nesse caso, a forma compreende dois níveis: os sons, [...]; e as palavras, as quais, por sua vez, têm regras próprias de combinação para a composição de unidades maiores. (ROSA, 2000, p.15)

base latina. No entanto, também registramos palavras de origem hebraicas que fazem referência à religião católica. Estas foram introduzidas no acervo lexical do português através da língua latina, popularizados pela igreja católica.

A grande fecundidade lexical de bases latinas já era esperada, pois, como sabemos, o português consiste em uma língua neolatina. Nas palavras de Melo (2008, p. 30) “as fontes de constituição do acervo lexical da Língua Portuguesa do Brasil, conseqüentemente também de sua ampliação e/ou renovação diacrônica decorrem principalmente da derivação latina”. É interessante enfatizarmos que compreendemos o português como uma variante da língua latina, atualizada no tempo e no espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos abordados no presente artigo, envolvendo a toponímia municipal do Estado de Alagoas, mais precisamente o estudo da origem e formação de hagiopônimos, que designam os municípios da Mesorregião do Leste Alagoano, permitem-nos tecer algumas considerações finais.

O léxico presente na língua de um dado grupo reflete o seu modo de ver a realidade, suas crenças, seus hábitos e a revela como seus membros organizam o mundo que os rodeia. Com efeito, evidenciamos neste trabalho a materialização do discurso religioso por meio da presença de nomes legados à Igreja Católica Apostólica Romana no acervo lexical toponímico do Estado. E ainda, mesmo vivendo em um Estado Laico, atestamos que isso não elimina o domínio da corrente religiosa da sociedade dominante e dirigente em nossa comunidade. Isso também demonstra o poder da Igreja Católica ao impedir a penetração de outras denominações religiosas no léxico toponímico.

De um total de 52 topônimos constitutivos do léxico municipal da referida mesorregião do Leste Alagoano, identificamos 12 hagiopônimos todos relativos a santos, lugares e significados do hagiológico romano, designado municípios em todas as microrregiões que constituem a mesorregião estuda, eles traduzem reflexos do momento histórico em que foram nomeados, haja vista serem mais afetados por fatores extralinguísticos, como características do processo de colonização e povoamento ocorrido da região.

Acreditamos que foi esse espírito de religiosidade que as classes dominante e dirigente dos portugueses, de modo geral, transplantaram para os primeiros núcleos povoados em Alagoas. Isso pode justificar, sobretudo, a tradição religiosa característica do povo nordestino. Daí, as marcas extralinguísticas sinalizam para a inter-relação línguo-cultural na configuração semântica dos hagiopônimos, em cujas análises transpareceram aspectos religiosos relacionados ao grupo humano, refletidos numa relação simbólica no léxico.

Quanto à origem, as análises revelaram que os hagiopônimos de étimo latino - em formas simples ou compostas (sintagma toponímico) - são os mais recorrentes no léxico toponímico municipal da mesorregião alagoana estudada. Já no que diz respeito aos processos de formação lexical, a constituição do acervo toponímico da mesorregião investigada apresenta uma tendência em adotar com mais fecundidade a composição para fins lexicais, uma vez que a estrutura geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função “que é permitir categorizações cada vez mais particulares”. (BASÍLIO, 2007, p.30)

Finalizando este artigo, esperamos que esta investigação se constitua num resgate línguo-cultural do nordeste brasileiro, em particular do Estado de Alagoas, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida dessa sociedade, em virtude dos topônimos adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomeação. No dizer de Dick, (1996, p.337), “vai deixando de ser apenas um instrumento de marcação ou de identificação de lugares para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos”. Podendo, dessa forma, contribuir para dirimir lacunas de estudos toponímicos em Alagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo : Ática, 1991.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 31 mar. 2013.

CARVALHINHOS, P. J. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). In.: **Revista USP**. São Paulo, dez./fev. 2002-2003, n.56, p. 172-179.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de & KOCH, I. G. V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo : Cortez, 1987.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. **A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo: 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

MENDONZA, J. C. V. **Onomástica y devociones entre los primeiros carmelitas descalzos**. Toledo: Universidad de Castilla-La Mancha, 2008. p. 91;108.

MELO, P. A. G. Relevância do estudo do latim e sua derivação Portuguesa na formação do estudante dos cursos de letras clássicas e vernáculas. In: SILVA, Eliane Bezerra da; MELLO, Janaína Cardoso de. (org.). **Literatura, História e Linguagens: Diálogos possíveis**. João Pessoa: EDUFB, 2008, Pp. 29-37.

_____. Uma interface línguocultural: um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. In.: **Memento**, Unicor, MG, v. 3. n. 1, jan-jul., p. 50 – 65, 2012.

_____. Toponímia indígena: um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi. In.: **Veredas Favip**, . 6, n. 1 – jan.-jun., p. 161-179, 2013.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo : Contexto, 2000.

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.